

Me engana que eu gosto, inventa mentiras, publica uma história inventada, diga que eu disse aquilo que nunca falei, fale mal do meu silêncio, do cabelo que caiu, da barriga que cresceu, da intolerância que me fez seletivo e mais, muito mais.

A distorção do uso das evidências cria artifícios e alimenta a “felicidade inocente”

Um estranho código me faz confessar memórias recém recuperadas; elas me alcançam como o vento que canta misturando as raízes; essas memórias descontroladas descobrem o que esqueci de contar.

Um abraço pode revestir-se também de solidão complexa e surtida; pode ostentar afetos duvidosos, transportar forças estranhas e negativas.

As fantasias e as peles perdem a força, se escondem atrás das idades. Elas mantêm a ousadia nos sonhos dramáticos, invadem as noites como impotências programadas, nos conflitos com as memórias, nos vazios de alguém que não sabe mais, que é quando se fica invisível a si mesmo.

Desse encontro onde se preservam as naturezas instintivas, espero colher vantagens premonitórias do fim.

Fostes quem me ofereceu as ideias mais falsas acreditadas como regras confiáveis.

Retornei ao caminho real, onde evidências nada solidárias me atordoam. Tanta é a falta, que basta a lembrança, com seu ar de graça, para escrever novos prazeres.

Desabrigado desde que a admiração foi confinada, instalou-se em mim uma ditadura silenciosa, aguda e constante, acossando sem alardes, dominando entradas e saídas, virando pelo avesso a paixão esfolada.

Invento novidades nas formas que a luz inventa, puro reflexo, pura reflexão, colorindo o silêncio, despeja coloridas miragens no vazio entre uma janela de entrada aberta e uma fechada porta de saída.

Depois dos pesadelos sempre fica nublado, é quase impossível distinguir o clima do ambiente. Ao contrário, quando amanhece, estes, entusiasmados, indicam sonhos bons ou mal digeridos.

Ações impensadas constroem redes implacáveis que capturam e não soltam.

A melodia se acaba, acaba o papel e a tinta. Seguro a inspiração, sigo até onde vai a dança, o gesto e o instante em fuga constante.

Falo de um amor intenso, portador de enormes prazeres com os quais forja para ser um grande investimento. Envolve todas as bases, é meu monolito preferencial.

Respiro violentamente: tenho um grito para cada circunstância, uma indignação para cada rumor, uma tolerância para cada ignorância.

Entre a ignorância e a hipocrisia circulam pessoas, Estados, organizações. Eles integram os transportadores do lixo humano. São gratos ao apoio recebido. Incentivadores da manipulação de informações concorrem a prêmios, lideram deportações, dirigem massacres. Não me deixo intimidar por fatos distorcidos que mentem a história e validam a mentira.

Silêncio é um estado que se instala quando as palavras não encontram formas de expressar o pretendido.

Amanheço andando de um lado a outro, em ordem e em silêncio. Os objetos que me cercam cumprem uma companhia caladamente. Dou-me um tempo para reconstruir o cerimonial que me leva a um sofisticado sistema de encontros e desencontros que me esperam na diária rotina.

Os desejos reiteradamente reaproximam os corpos. Repetem incansavelmente uma troca de promessas, de narrativas, de consentimentos e de propagações, sempre em causa própria.

No Reino da Fraternidade vale mais entender do que saber.

Os alaridos substituirão os gritos. Como lamentos pendentes de resgate, uma alegria que promete ficar busca originalidades isentas de sacrifícios. Sua tarefa será a de transportar o perdão para pecados imperdoáveis.

A porta do céu, inacessível tanto por mar como por terra, se esconde sobre tuas vestes. Permaneces personagem inexistente para os meus prazeres. Deliro sobre esse vulcão que tanto quero. Serei parceiro no teu paraíso.

A ameaça arruína, a inapetência conduz à inutilidade, propaga desajustes dominantes, desfaz qualquer investimento investido, semeia o mal, dando pseudo apoios, falsas coberturas, inverdades.

Fiz-me de desentendido, quando a intenção, nitidamente, era despedir-me. Acho que vai ser difícil sair por aí procurando descontar meu ódio, já que ele existe justificadamente. Saio sem bagagem, sem seu “muito obrigado”, com o amor ao próximo ferido de morte. Dou um jeito de sumir, sem indenização, com um aviso prévio bastante disfarçado.

A burrice alheia me pesa, a própria me revela, pior é o encontro destas burrices, as minhas e as de outrem. Primeiro o reconhecimento, depois a tolerância, e por último, as manobras de descarte. A burrice sempre guarda novas surpresas, ela não cansa de reinventar-se, cada uma com sua artimanha esmerando-se em ocultar-se para denunciar a alheia como a mais degradada.

Todos me dirão que é natural, que entre mandos e desmandos tudo o que lhes observo não passam de coincidências. Que os laudos são definitivos, conclusivos, indiscutíveis, que as armas promovem a paz, que os bombardeios são preventivos, que o território pertence a alguém, que o povo pobre é vagabundo, que a política é uma profissão, que os anjos da guarda estão disponíveis, que a democracia é preservada e justa. Que crianças caladas valem mais do que o barulho das crianças.

Computador procura palavras e conteúdos úteis para arquivar. Cansado de expor supérfluos, em suas mais recentes versões torna-se seletivo. Além de levar consigo um corretor, dispensa matérias de pouca ou nenhuma veracidade. Segrega mentiras, verdades distorcidas, fatos mal contados, fofocas, matérias encomendadas e outros infiltrados. Denuncia as iras, as vinganças, a pedofilia e, principalmente, seus autores. Cansado de escrever tolices, em suas últimas versões ainda não ensina a pensar, mas em um futuro próximo, promete.

Bloqueadas as carícias, a medula e a sedução, cobro uma transferência de rumos em direção ao zelo. Informo a presença de uma desusada cautela que age desatinadamente, lembrando serviços prestados, segredos comuns, enganos por ilusão e, também, por erro de cálculo. Depois, decidiremos separadamente sair ou livrar-nos do que restou do outro.

Inclua minhas carências, todos os transtornos, as ameaças; cata os meus entusiasmos. Torna público os meus escândalos, por indignação e por ciúmes, a desordem do quarto, as roupas empilhadas, os vestígios deixados pelo meu cheiro. Vaza meus segredos, meus medos. Devolva meu corpo, meus sonhos. Expurga o tempo dedicado aos fracassos, às adversidades vitalícias, fragmentos do amor sustentado em ambientes desertos.

Não me comprometa com o que não acredito. Eu sim, gostaria de morrer abraçado, acompanhado, prefiro gozar convicto entre gemidos, poupado das queixas; prefiro a solidão à uma abandonada companhia; alimentar mais um álibi do que uma fome desesperada; uma confissão a um interrogatório, prefiro a oferta à cobrança, a emoção do momento à aflição eterna.

Meus sentimentos foram encobertos por razões confidenciais. Alguns, restaurados, outros, ainda sigo-os usando com o antigo costume de nestes me abastecer. É possível que tenha que abandoná-los também, por não poder arcar com seus elevados custos. Por ora, aproveito a oferta dos afetos descartados para revelar-me.

Desenterro inspirações descartadas, triunfos mumificados, dispenso segredos invalidados, supero versões, encubro comoções e intimidades, o juízo perdido. Espero que tudo caia no esquecimento.

Com o alento ferido, aflito faço o que me resta: esperar para ver. As opções ausentes celebram vazios, os dados me furtam o futuro; o presente vencido revela forças exauridas. Abdica de ter últimas vontades.

Minha memória é um banco de provas. Muitas lembranças ficaram no caminho, enquanto outras perduraram. Entre crises e êxitos, aparecem e desaparecem sob os efeitos de uma mágica que me escapa ao controle. Não fica claro que impulsos destinam estes opostos. Jamais poderemos compreender se não conhecemos o passado da nossa história. Desde que aprendemos a representar o mundo em signos, temos informação direta dos fatos do passado, ainda que pouco se olhe na sua direção.

Aqueles rascunhos eram os rastros de alguém que por ali havia deixado ideias. Haviam feito parte de algo mais completo ou eram simplesmente palavras que não chegaram ao fim? Fariam a diferença, teriam sido fundamentais em outro contexto? Ali estavam abandonadas. Seriam a prova refutada de algum argumento vencido?

Quisera chorar, mas não posso: me falta garganta, lágrima e motivo. Inventarei alguma tristeza, tomarei emprestado se não tiver nenhuma disponível no meu repertório de penas. Tenho dores pra ninguém botar defeito, tenho nostalgias puras, melancolias autênticas, capazes de emudecer a maior das alegrias.

O que eu tinha te prometido, faço agora; fingi-me de adormecido, cego para a realidade que me atormenta. Invisibilizo os condenados, esqueço os excluídos. Aqui me tens, meio cínico, meio divertido. Guardo uma enorme intolerância, já não me alcança a paciência.

O amor, chove e faz frio, desencontradas admirações rumam autônomas. Desalojado, o desejo faz da pausa uma calma, sem decifrações, sem adivinhações, sem as homenagens que tanto perturbam, sem as antigas convicções. Deixado de lado no refúgio do silêncio, o amor guarda, todavia, o melhor de si.

Perdoa a despedida, os cortes, as cicatrizes, as temporárias certezas, as dívidas, as promessas vazias, o ligeiro amor disposto, a morte precoce da vontade. Antecipando o inverno declaro-o acabado, a loucura já pouco vale.

Do outro lado do prejuízo e da exclusão sempre haverá de estar alguém impermeável as razões alheias.

Chego ao futuro sempre como um neófito inexperiente. Chego recebido por temas e situações que parecem haver estado lá, desde sempre, como se nesse futuro houvesse um presente congelado à minha espera. Anônimo como um conquistador participo como peixe fora d'água. Alguns enganos tentam me acalmar, enquanto busco indícios de realidade, coisa que, aliás, nunca acontece. Constato que, perdida a condição de convidado especial, viver é caminhar entre uma inocente fantasia improvisada e um erro convencido por escassez de prudência.

O teatro da rua inventa todos os dias novos loucos, inusitados espetáculos, atrações excêntricas, farsas combinadas, tramas, façanhas, acrobacias, protestos, vinganças. Reúne histórias criadas para contar às crianças dentro da redoma, antes de lançá-las ao hospício.

Volta e meia, para meu alívio, encontro um interlocutor que escuta as minhas previsões. Tento eternizar e fundir o passado e o presente para melhor visualizar as jornadas. Interaço para realizar o que poderá ser construído para sustentar o futuro.

Fui convidado a assistir uma aula sobre novas gentilezas. Uma desordem inusitada tomou-me de surpresa, logo eu, pretendo consumidor de humanidades. A consigna havia me alertado: não há lugar para a falsidade. A sinceridade regia por si mesma o ritmo do encontro, aumentando o mistério que envolvia tal conquista. Surpreso percebi que nunca havia cruzado aquelas fronteiras.

Não cabe em lugar nenhum, esse querer expansivo, totalitário. Esse querer é pele e osso, olho e lágrima, alojamento e relento, ato e pensamento. Guarda meu temporário capricho e todas as ausências. Esse querer é réquiem e canção de ninar.